

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 688

10 DE FEVEREIRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

Lindo inverno! Talvez que pela proximidade do entrudo lhe viesse á lembrança o mascarar-se de primavera. Ou seria a linda moça, coroada de rosas e papoilas, que se metteu a fazer contractos com o classico velho de longas barbas brancas friorento, cujo retrato por ahí vemos aquecendo as mãos anemicas á luz d'uma lamparina? Cuidado com a caprichosa! Sabe Deus o que nos espera!

O que é, porém, certo é que raras vezes o céu de fevereiro vestiu por tantos dias um manto de estofa azul tão rico, todas as noites marchetado pelas mais fantasticas e luminosas pedrarias!

A Avenida, todas as tardes, cheia de movimento; os theatros á cunha todas as noites! Nem uma careta no céu, nem um salpico obliquo de chuva na vidraça, a porem-se ao lado dos paes de familia economicos!

— Meninas, hoje, como vêm, não é possível!

E o entrudo já tão perto!

Já nos estancos, tristes como cabeças de guilhotinados, baloçam-se nos preguinhos as caraças fantasticas, de risos gelados, de lagrimas risiveis: velhos d'oculos verdes, narigudos desconformes, hydrocephalos delirantes, olhos ophthalmicos, boccas de hydrophobos.

Pode a fantasia humana trabalhar na criação do feio; ha de sempre a natureza levar lhe a palma.

Já de cada janella vão cahindo as borlas de papel sobre os chapéos de côco. Os chapéos altos vão pelo meio da rua, como os americanos.

Foi ao apparecer das mascaras de *talon rouge* e meias cahidas, dirigindo-se com gravidade para os primeiros bailes da Trindade, que surgiram os boatos de crise ministerial. Apontavam-se os nomes dos que haviam de entrar, o sr. Alpoim, e o sr. Villaça...

O contraregra não apitou e o panno ainda não se ergueu sobre as faladas modificações.

Noticias de muito maior importancia nos chegaram de Coimbra, terra de estudantes. Houve momentos em que se suppoz que se tratava de uma quasi revolução. A historia conta-se em meia duzia de palavras, embora pareça absurda a conclusão. Partida de republicanos para o Porto. Partida de monarchicos para Lisboa. Resultado final: — Todos contra o commissario de policia!

Gritos, troças, toiradas, cutiladas, um tiro que não acertou em ninguem, varias prisões acertadas e desacertadas, correrias, alarmes, volumes em telegrammas e, finalmente, chegada de D. João de Alarcão, novo governador civil substituto, que pôz o ponto final, suspendendo o commissario.

Rapaziadas. Fantasias.

Escreveu Balsac: «*Sans doute il faut rester jeune pour comprendre la jeunesse.*»

Devido a isso e por esquecimento do que todos nós já fomos, uma parte da imprensa pareceu querer approvar o uso da força contra os que primeiramente pugnavam em favor de idéas, que, sempre, mais ou menos, aquecem cabeças de vinte annos, e depois, ainda mais desculpavelmente, se exaltavam por sympathico espirito de camaradagem.

Os muito novos e os muito velhos em tudo hão

de metter um bocadinho de poesia. Um exaltado de vinte annos é sempre um poeta. Fusilal-os porque! Demais terão elles vida para depois tratar da prosa.

Deixem que haja poetas. Os que mais, na lucta da vida, abandonavam sonhos e poesias, sentem-se asphixiados ás vezes, consolam-se da perspectiva acanhada de seus solares luxuosos, procurando na obra do pobresinho a reminiscencia d'um sonho morto e lindo, como outro já não podem crear

Deixem que haja quem sonhe e comnosco seus



ROBERTO IVENS — FALLECIDO EM 28 DE JANEIRO DE 1898





— É verdade: — um frio endemoninhado, — disse Enéas.

— Endemoninhado, — repetiu o Joaquim.

— O unico que o não sente é o sr. Romulo, proseguiu o doutor — o meu amigo e sr. Romulo. Ali onde o vêem dispõe de um calór invejavel — não é assim, Tranquilina?

— O que é? — perguntou Romulo.

— Estavamos dizendo que o senhor é um vul-

a sua escolha, que procurava expressões para declarar-se.

— Meu presado sr. Frederico — disse, quando Enéas se cailou — não terá, acaso, algum antepassado especial, do qual lhe reste no sangue alguma coisa? Porventura não sente uma vez por outra correr pelas veias um avô de neve ou uma avô de lava?

— Não — retorquiu com sorriso assaz contra-

— Com que então, tenho defeitos? perguntou Frederico.

O engenheiro, porém, sem cortar o fio ao discurso, replicou:

— Tens as qualidades e defeitos de um avoengo qualquer que viveu, provavelmente, no seculo passado. Entre os meus, por exemplo, existiu um, que era um genio, um portento de sabedoria... o que muito me alegra, porque, quem sabe! um



CAPELLO E IVENS, NA SUA PRIMEIRA VIAGEM DE EXPLORAÇÃO EM AFRICA, EM 1877

ção em ponto pequeno, o que em nadá o prejudica, porque pode ser se um cavalheiro amavel muito grande e ao mesmo tempo um vulcão muito pequeno.

Sucedeu que entre seus antepassados, por fortuna, houvera um que fora ambas as coisas, o que serviu de pretexto a Romulo para nem se mexer.

O dr. Trombeta escutava, resignado, as divagações do engenheiro, de vez em quando, porém, dirigia ao taciturno Frederico olhar inquieto: para este, sorria, para este, sacava do guarda roupa uma alfaia fóra de uso havia meio seculo, a saber: uma bondosa vivacidade. Claro estava que fizera

feito o mancebo — quero dizer, não sei; nunca me lembrou indagar... mas hei de informar-me...

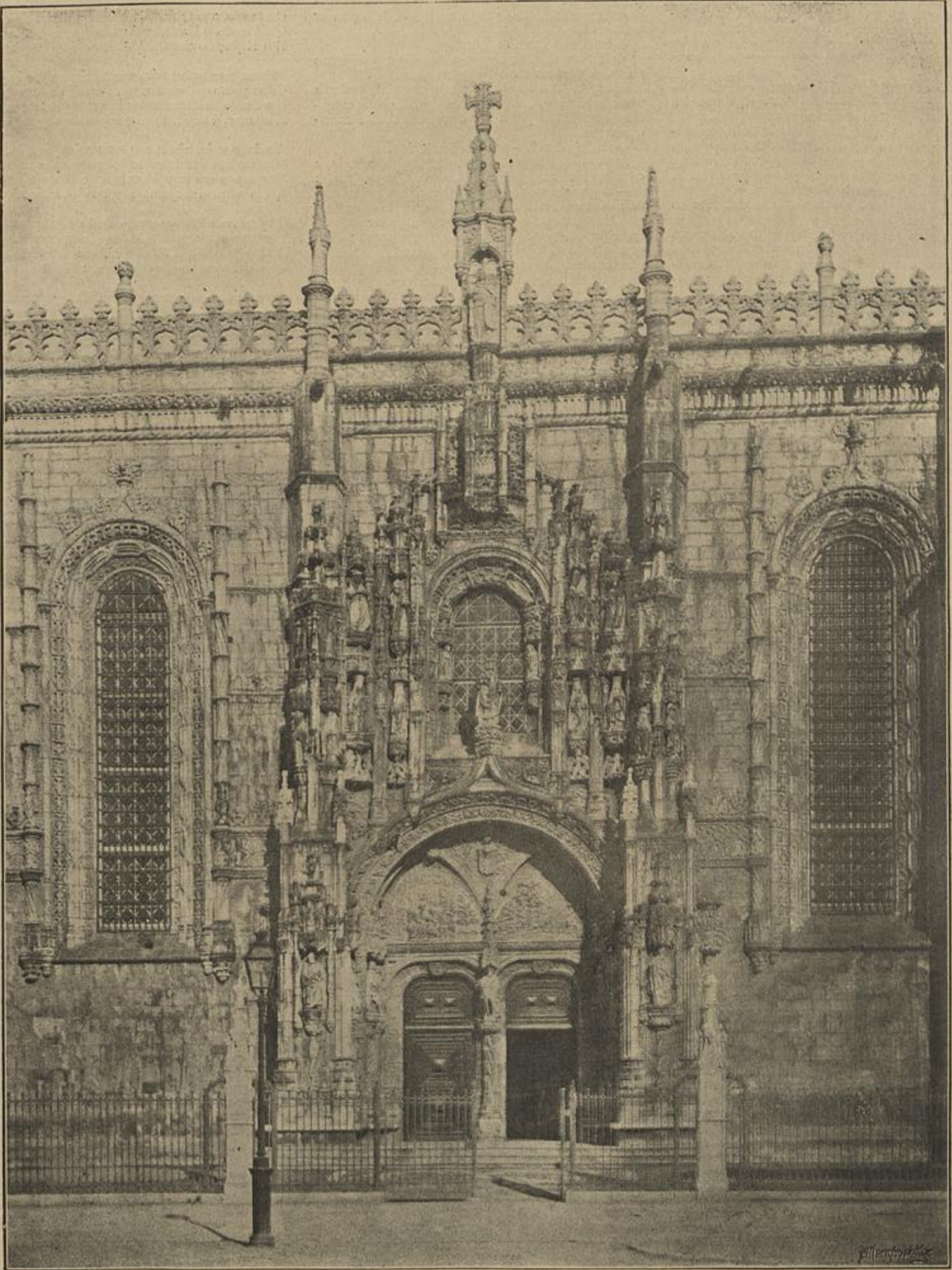
— Nunca te lembraste de tal — atalhou Enéas, sem desviar a vista de sobre a Amalia — porque acreditaste sempre que eras o principio e o fim de ti proprio. Enquanto que nós outros começamos nos seculos passados e, na maxima parte, viremos a acabar nos seculos futuros, podes tu estar seguro de que te verás reproduzido, primeiramente, em migalhas e fragmentos, depois, inteiro e d'uma só peça, em um descendente que virá a ter o teu proprio temperamento e com as qualidades e defeitos que te distinguem.

filho meu poderá igualmente vir a ser um genio... Por outro lado, a estatistica demonstrou que os filhos varões herdaram o sangue da mãe e reproduzem no todo, ou em parte, o da avô materna.

Quem primeiro riu foi o Frederico: ou outros dois imitaram-o; a Amalia, não: pelo contrario, estava mais circumspecta do que em rigor pedia o caso.

— Pelo que diz respeito a antepassados, prote-rii o Frederico, apenas me recordo de dois, e assaz melancolicos. É possivel que os tenha tido alegres, como o meu amigo Enéas; aquelles, porém, deram mais que fallar que os outros todos, e por isso os conservo na memoria; um d'elles

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



MOSTEIRO DOS JERONIMOS — PORTA LATERAL DA EGREJA

(Copia de uma photographia de Rocchini)





## CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

O theatro feminista internacional, deu mais uma recita, com a comedia em quatro actos e cinco quadros de M.<sup>ms</sup> Jane Meyerheim, e Serge Rello, *L'enfant du Mari*.

Não posso felicitar as auctoras. O drama é banal e está escripto, com uma tal ingenuidade, com uma tal emphase e puerilidade que não podem chamar-se absolutamente bem passadas as horas gastas a ouvi-lo.

Jean de Lugny, é o marido, com todas as pequenas e grandes infamias de que esses senhores são capazes. Gilberta, a mulher, com todas as virtudes d'uma santa. Trinidad Carmona, a amante que morre tísica, depois da fuga de Jean Lugny para a America, deixando-lhe uma filha que Gilberta adoptará.

No ultimo acto Trinidad morre abençoando Gilberta, aos pés de quem o marido cae pedindo perdão, depois de a ter accusado de adulterio com Contrás, seu amigo intimo.

Como disse, o assumpto é banal e a verosimilhança é tal que só poderia ser admitida n'um livro de estampas para creanças.

Não tem merecimento litterario porque as scenas são mal deliniadas e o dialogo lento e sem cor, não tem observação porque na vida real não é exactamente assim que as coisas se passam. Nem elles são tão maus, nem ellas tão sublimes.

Paris tem sido envolvido por nevoeiros tão espessos que ha dias foi preciso que os policias de serviço na praça da Concordia, accendessem archotes para facilitar o transito. Mas, a *quelque chose malheur est bon*, quando se dissipa um d'esses grandes nevoeiros ao cair da noite, nada ha mais formoso do que o aspecto da praça. O solo é feito d'um betume liso como uma sala de baile e quando molhado toma o aspecto de um grande lago onde se espelham as luzes.

Vista da ponte d'Orsay, as chammas dos candieiros de gaz misturando-se com a pallida luz dos muitos globos electricos, entrecalados com as *silhouettes* das arvores que se desenham na transparencia do ar, dão á grandiosa praça um aspecto verdadeiramente phantastico, e sem sabermos porque, lembram-nos descrições de antigas festas venezianas e surprehendemo-nos a sonhar mulheres com o rosto velado pela mascarilha, maridos ciosos com a mão no cabo do punhal, e amantes vestidos de veludo preto, passeando em gondolas cheias de musicos, por defronte d'algum palacio revestido de preciosos marmores, enquanto uma das janellas se entre-abre deixando adivinhar o busto gentil d'alguma nobre veneziana.

Paris com os seus monumentos, com o seu ceu quasi sempre velado, dá-nos ás vezes espectos verdadeiramente encantadores, que nos fazem crer que o viajante que vem aqui passear um mez, visita os theatros, ouve as cançonetas dos cafés-concertos, percorre os museus, não conhece de Paris o que elle tem de melhor, a sua feição puramente artistica.

Madame de Mello.



### PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

*Echos da Solidão* — por José Bénoliel — Lisboa — 1897.

N'uma edição luxuosa, para cujo apparecimento muito contribuiu o benemerito e illustre camoneanista sr. dr. Carvalho Monteiro, publicou o sr. José Bénoliel, sob o suggestivo titulo de *Echos da Solidão*, grande numero das suas composições poeticas, dedicando esta colleção á memoria do mimoso João de Deus.

De estylo variado, apresentam todos esses pequeninos poemas decidido valor, demonstrando fuo talento e delicada concepção. Entre elles, todavia, cumpre-nos destacar pela sua oppor-tunidade e boa factura, o inspirado poemetto *Vasco da Gama*, que n'outro lugar publicamos, e que

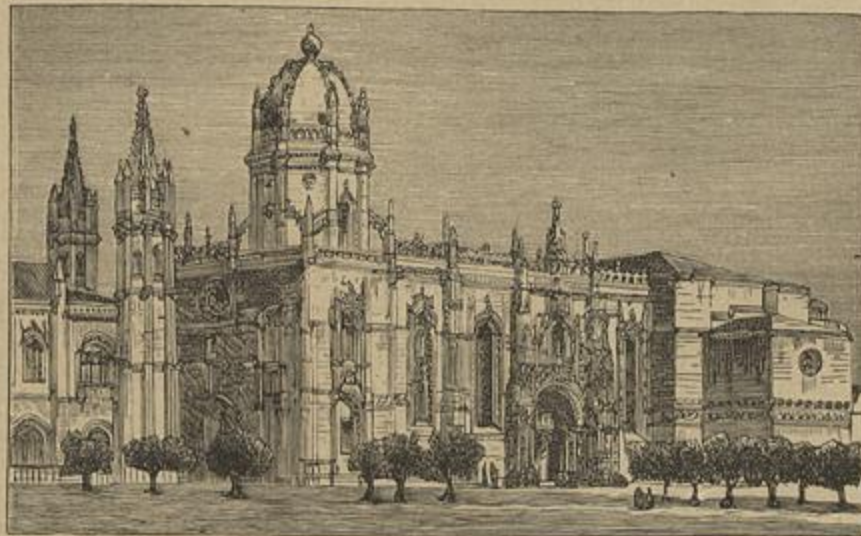
rememora o grande nauta e a sua grande obra.

Como o leitor verá o poemetto *Vasco da Gama* tem em alguns dos seus passos um estranho sabor, em resaiço de cantiga de cancionero, como de melopedica xacara; de um notavel vigor epico como n'outros passos, a brilhante composição mostra-nos a energia da epopea.

Das varias partes dos *Echos da Solidão*, não é justo distinguir ou estabelecer primazias. Confessamos, contudo, que as traducções dos proverbios de Salomão possuem inestimavel valor pelo seu conceito tão delicadamente traduzido.



MOSTEIRO DOS JERONYMOS — ESTATUA DO INFANTE  
D. HENRIQUE NA PORTA LATERAL DA EGREJA



MOSTEIRO DOS JERONYMOS — VISTA GERAL. EXTERIOR DA EGREJA

Bemvidos, pois, os *Echos da Solidão* para o bulicio da litteratura onde, de certo, vem occupar lugar de honra.

*Folhas d'Arte* — por Monteiro Ramalho — Lisboa — Gomes — Editor — Lisboa — 1897.

Eis um elegante volume que, na nossa rede bibliographica, escapara pela malha. A lisongeira affluencia de variados trabalhos litterarios de que nos cumulam, não permite que noticiemos convenientemente todos esses livros cujas ofertas nos honram quotidianamente. D'ahi a fuga de algum livro que os nossos collaboradores folheam com interesse, graças ao assumpto a que respeitam.

Sucedeu assim com as *Folhas d'Arte*, o bonito volume que de Barqueiros, no Douro, nos foi enviado ha tempo pelo nosso amigo, e illustre collaborador tambem, sr. Monteiro Ramalho, escriptor muito apreciado pela sua critica integra e conscienciosa sobre coisas d'arte.

No livro, veem «transplantadas em grande parte» do nosso periodico, varias chronicas artisticas, primitivamente aqui publicadas, e cuja resuscitação se impunha no momento que atravessamos, em que as questões artisticas, felizmente, vão merecendo cuidados a attenção. E ao nosso amigo e sr. Monteiro Ramalho, cabe a gloria de haver contribuido com boa parcella para esse resultado.

Constitue isso pois uma alevantada e lisongeira homenagem aos seus trabalhos; homenagem não menos grata a nós do que ao illustrado auctor das *Folhas d'Arte*.

*Iride* — revista litteraria musicale. — Genova — 1897. — Via Maddalena, 33.

O numero presente d'esta revista italiana insere a critica ao novo drama lyrico *Chatterton*, em tres actos, original de R. Leoncavallo, que para elle procurou o argumento no velho drama de Alfredo de Vigny.

Redigida em lugar afastado de Milão, a cidade onde as criticas musicas são tão apaixonadas e parciaes, parece-nos ser muito para se seguirem as opiniões da nova revista, cuja collaboração é selecta e interessante. O ultimo numero recebido dá a noticia da permuta com a nossa revista.

*Gazeta dos caminhos de ferro n.º 1 do XI anno, 1 de janeiro de 1898, Lisboa.*

Acaba de entrar no seu undecimo anno de publicação esta importante e conceituada revista de que é proprietario e director o nosso prezado confrade e amigo sr. L. de Mendonça e Costa.

Da prosperidade da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* é pe-nhor bastante esta já longa vida, e da sua importancia o lisongeiro apreço que sempre tem merecido.

Os nossos parabens.

**Fabrica da Pampulha.** — O sr. Eduardo Costa, proprietario da fabrica de bolachas da Pampulha, offereceu este anno aos seus amigos e freguezes um lindo calendario, que, sem duvida, sobreleva os que tem offerecido nos mais annos, em belleza e primor de execução. Este calendario representa uma janella em estylo manuelino, atravez da qual se vê a chegada de Vasco da Gama á India, quadro de bello effeito. Ao lado direito da janella e na parte inferior está um medalhão com o retrato do sr. Eduardo Costa, e sobre o medalhão ergue-se a figura da patria offerecendo a palma da victoria aos navegadores portuguezes. Na parte inferior do calendario, como que emoldurando o medalhão e a vista da fabrica, desenham-se a ouro as medalhas das diferentes exposições nacionaes e estrangeiras com que tem sido premiado o sr. Costa, um dos nossos industriaes mais intelligentes e que mais tem aperfeiçoado a sua industria em Portugal.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39